

28-06-2024

Esse ano eu penduro as chuteiras

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Na última terça-feira (11 de junho), fui com meu filho João Marcelo ao Estádio Antônio Accioly e assisti ao empate por 2x2 entre Corinthians e Atlético Goianiense. O cheiro de futebol e o clima de competição aticaram minha memória. Vim embora lembrando. Desde os 32 anos, quando tive a primeira lesão muscular séria, me faço uma promessa recorrente: esse ano eu paro de jogar futebol. Embusteiro me digo sempre: *pronto, campeonato eu já parei de disputar; pronto, já não jogo mais no campão (me faltam vigor e intensidade); também já não jogo mais futsal (minhas articulações reclamam sempre que tento)... e seguem reclamando alguns dias depois.* Formas de tentar me convencer de como devo continuar, de chuteiras dependuradas. Todavia, logo ao primeiro convite já abro negociação com meu íntimo: *É só mais esse campeonato. E só porque foi meu irmão Big Love que me chamou. Não fosse isso, não iria.* Ou ainda... - *Vou só matar um pouco a saudade. Faz tanto tempo que não jogo futsal. Vou lá só uma vezinha.* Dessas muitas negociatas egóicas, nas quais sempre perco para mim mesmo, não resisto e volto a campo. Hoje, às portas dos 40, continuo jogando futebol society, futsal e futebol de campo. Isso deve ser fruto de trauma. Meu pai me negou o suporte necessário para seguir lutando pelo sonho de criança: ser jogador de futebol. Eu só precisava do dinheiro para passagem de ônibus de Trindade para Goiânia. Em 1998, passei nas peneiras da base do Atlético Clube Goianiense, time que passei a torcer desde então, ocupando um cantinho no meu coração corinthiano; em 1999, pelas peneiras do Goiás Esporte Clube. Nas duas ocasiões, mesmo com as aprovações, quando meus próprios recursos se esgotavam e recorria a meu pai (sempre por intermédio de minha mãe), a negativa já estava pronta, lavrada, assinada e carimbada. Ali estava decretada a minha desistência, o abandono definitivo do sonho. Mas essa lembrança me levou a outras. Deixei de tentar ser jogador, fui trabalhar, e depois estudar. A batalha agora era para conquistar algum futuro. Vindo da classe trabalhadora não tinha muito para onde correr. Logo aprendi que estudando chegaria mais longe. Minha mãe sempre dizia: *Sem estudo, hoje, nem gari você vai conseguir ser.* E com o tempo percebi que ela tinha alguma razão. Saindo do estádio, contrariado e consternado - *o empate não resolvia a vida de nenhum dos meus times, mas também não os afundava ainda mais -*, paramos para comprar água de um vendedor ambulante. Seguimos nosso rumo por uns 800 metros numa rua paralela à Avenida 24 de outubro, até chegar onde havia estacionado meu carro. Lá estava seu Joãozinho, o flanelinha. Cumprimentei-o alegremente e comentei com João Marcelo. *Não é que ele ficou até o final mesmo!*

Ao chegar ao estádio, à procura de lugar seguro para estacionar, encontramos o flanelinha. Ele ofereceu seus serviços ao preço de R\$30,00 (*Nem vou entrar no sério e árduo debate sobre a privatização dos espaços públicos, portanto, sigamos*). Receoso de pagar esse valor e ao voltar não haver ninguém ali, no posto de trabalho, negocie: - *Se fizer por R\$20,00 eu fico por aqui mesmo. E quero até ver se o Sr. estará aqui na volta.* Seu Joãozinho respondeu de pronto. *Vou fazer os R\$20,00 e você vai ver quando voltar que vou estar bem aqui. Mas a partir de agora, toda vez que o Sr. vir ver jogo, vai ter que deixar o carro aqui comigo.*

Fechamos o combinado. Ao me despedir de Seu Joãozinho, vim embora para Trindade refletindo sobre as imbricações e complexas relações sociais e econômicas que estão por trás do espetáculo futebolístico. Tentei imaginar a quantidade de pessoas envolvidas naquele evento. Eram 12.100 pagantes. Mais de R\$ 700 mil de renda, 22 atletas em campo, mais os suplentes no banco de reservas. Opa, mas e os servidores de ambos os clubes? Roupeiros, massagistas, médicos, fisiologistas, educadores físicos, psicólogos, etc.? Opa, mas e o pessoal que me recebeu na portaria do estádio? E os seguranças (*o Marcelão, segurança oficial do clube, por exemplo, teve que entrar em cena para retirar um invasor do campo*)? E os vendedores de pipoca, amendoim, açaí, salgado, refrigerantes, água, cervejas? E todo o trabalho envolvido? Formal ou não. Todos esses muitos trabalhadores, cada qual com seu papel, exercendo uma função para garantir o espetáculo, que nem foi tão brilhante assim (as duas equipes, para meu desalento e de João Marcelo, também torcedor de ambas, estão na zona de rebaixamento do campeonato). Tantos envolvidos diretamente e tantos outros indiretamente. Nesse exato momento, por exemplo, Gilmar Veloz, o empresário do goleiro Carlos Miguel, deve estar concluindo as amarrações de sua venda para o futebol inglês. Pasmem! Por míseros 4 milhões de euros. Só 4 milhões de euros. Dinheiro de pinga para clube europeu. E nem vou entrar nas possíveis tramaioas por trás de tal negociação. Apenas me deixarei levar por um pensamento necessário: como pode uma negociação considerada mal feita, muito abaixo do preço de mercado, custar muito mais que todo o dinheiro envolvido diretamente no referido espetáculo? Fiz sozinho, para não incomodar o já meio emburrado João Marcelo (*no fundo queríamos que o Corinthians tivesse ganhado o jogo*), a seguinte reflexão: *Se tirar da equação os treinadores e jogadores (que custam caro), todos os demais trabalhadores juntos, mesmo os demais integrantes da comissão técnica, os funcionários remunerados dos clubes, e mesmo o ganho dos ambulantes e informais às margens do estádio, incluindo também o Seu Joãozinho e demais flanelinhas... todos juntos não chegariam perto do valor da maldita negociação do Goleiro Carlos Miguel.* Nessa hora, pensei em me fazer mais uma promessa: não ir mais a estádios de futebol. Pensei até em ser ainda mais rigoroso: não assistir mais futebol algum. Logo, retomei as negociatas íntimas. *Mas e jogo de várzea, entraria nessa promessa? Acho que não, né? E seguí... Mas e se for um jogo do Trindade Atlético Clube (o Tacão), como é time muito pequeno, não tem muito dessa assombrosa desigualdade.* E ao final, de se em se, acabei por desistir da possível promessa. Exatamente em razão disso, por meio de meus debates/embates egóicos e de minha paixão inescrutável pelo futebol, mesmo temendo as muitas lesões, ou sentindo-as sempre, sigo jogando. E exatamente por tudo isso, mesmo incomodado com os bastidores podridos, ignóbeis e escarnecedores do futebol, sigo assistindo. Talvez eu use novamente a desculpa do trauma de infância para isso. Ou talvez, só ignore tudo e siga escolhendo o prazer de assistir ao espetáculo, driblando a consciência e a razão e passando a bola para a emoção.

E no prego na parede, ao invés das chuteiras, talvez mais um quadro de título do meu time. Seja o Timão (Corinthians), meu Dragão (Atlético Goianiense), ou o do torneio de masters de futebol de salão (time de futsal que comecei a jogar recentemente).

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.